

A dor da perda

Seis horas de fogo destruíram o acervo do maior museu de história natural da América Latina, criado há 200 anos

O Museu Nacional cerrou as portas às 16h do dia 2 de setembro, um domingo de calor no Rio de Janeiro, e uma hora mais tarde os últimos visitantes deixaram o palácio de 13,6 mil metros quadrados, antiga residência oficial da monarquia brasileira, construída no século XIX na Quinta da Boa Vista, hoje um parque municipal na zona norte da cidade. Às 19h30, funcionários da instituição acionaram o Corpo de Bombeiros. Um incêndio que aparentemente começou no segundo andar ameaçava espalhar-se pelo edifício histórico. Alguns pesquisadores ainda tentaram entrar para retirar material de trabalho, mas o fogo logo fugiu de controle e, às 22h, cobria de cinzas e escombros o maior acervo de história natural, arqueologia e culturas indígenas e africanas da América Latina, composto por mais de 20 milhões de itens.

O incêndio, que ardeu por seis horas até ser extinto, pôs a perder um patrimônio riquíssimo. Cerca de 2 milhões de itens

Palácio de São Cristóvão, sede do Museu Nacional, na noite de 2 de setembro



estavam em outros prédios do complexo, e se salvaram. Do prédio histórico, por si só motivo de visita, as paredes externas resistiram, mas boa parte do telhado cedeu, e pisos inteiros colapsaram. É possível que, quando o rescaldo tiver início, resgatem-se objetos preservados em armários mais resistentes localizados em partes menos afetadas do edifício. É grande a torcida para que pelo menos alguns itens de conteúdo histórico e científico insubstituível possam ser recuperados. Entre eles, destacam-se o crânio de Luzia, um dos mais antigos registros humanos nas Américas, com cerca de 11 mil anos; os sarcófagos e múmias adquiridas pelo imperador Pedro II; artefatos do reino africano de Daomé doados à família imperial brasileira; uma coleção de objetos resgatados de Pompeia, a cidade romana destruída pela erupção do vulcão Vesúvio há quase 2 mil anos.

A identificação e a recuperação desses objetos, que será um projeto de resgate arqueológico coordenado pela equipe do museu, compõem a terceira fase de

recuperação. A primeira, já iniciada, para qual o Ministério da Educação liberou R\$ 9 milhões, envolve instalar tapumes e um teto provisório, além de escorar paredes. Só então a perícia da Polícia Federal poderá ser concluída, liberando o acesso para a equipe de busca. A seguir terão início as etapas de reconstrução do prédio e de reconstituição do acervo.

Nos dias seguintes à tragédia, museus do Brasil e do exterior se comprometeram a ceder peças e ajudar a recompor o patrimônio. Imagens do acervo queimado começaram a ser compiladas para preservar a memória do que se perdeu e, eventualmente, reconstituir objetos com a ajuda de impressoras 3D. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) anunciou que sua rede de geoparques, áreas de patrimônio geológico protegido em todo o mundo, irá coletar peças para doar à coleção do museu. A Unesco também se comprometeu a apoiar o trabalho que será feito nos próximos meses para identificar itens de valor científico em meio aos escombros.

Ainda não há recursos para a reconstrução, que deve demorar no mínimo três anos e custar pelo menos R\$ 50 milhões. Há anos a direção do Museu Nacional planejava construir um prédio para abrigar todo o acervo, deixando a edificação principal apenas para exposições, mas nunca houve recursos para fazer a mudança. O palácio não contava com um sistema de prevenção de incêndio. Em junho, nas comemorações dos 200 anos da instituição, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a que o museu é vinculado, a Associação Amigos do Museu Nacional e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) celebraram um contrato por meio do qual a instituição receberia R\$ 21,7 milhões para iniciar um projeto de modernização, mas, por imposição da legislação eleitoral, a liberação do dinheiro foi adiada para novembro e agora deverá ser canalizada para obras de emergência. Já a recomposição do acervo deve sair muito mais cara e será trabalho para pelo menos uma década. ■



Por dentro do MUSEU

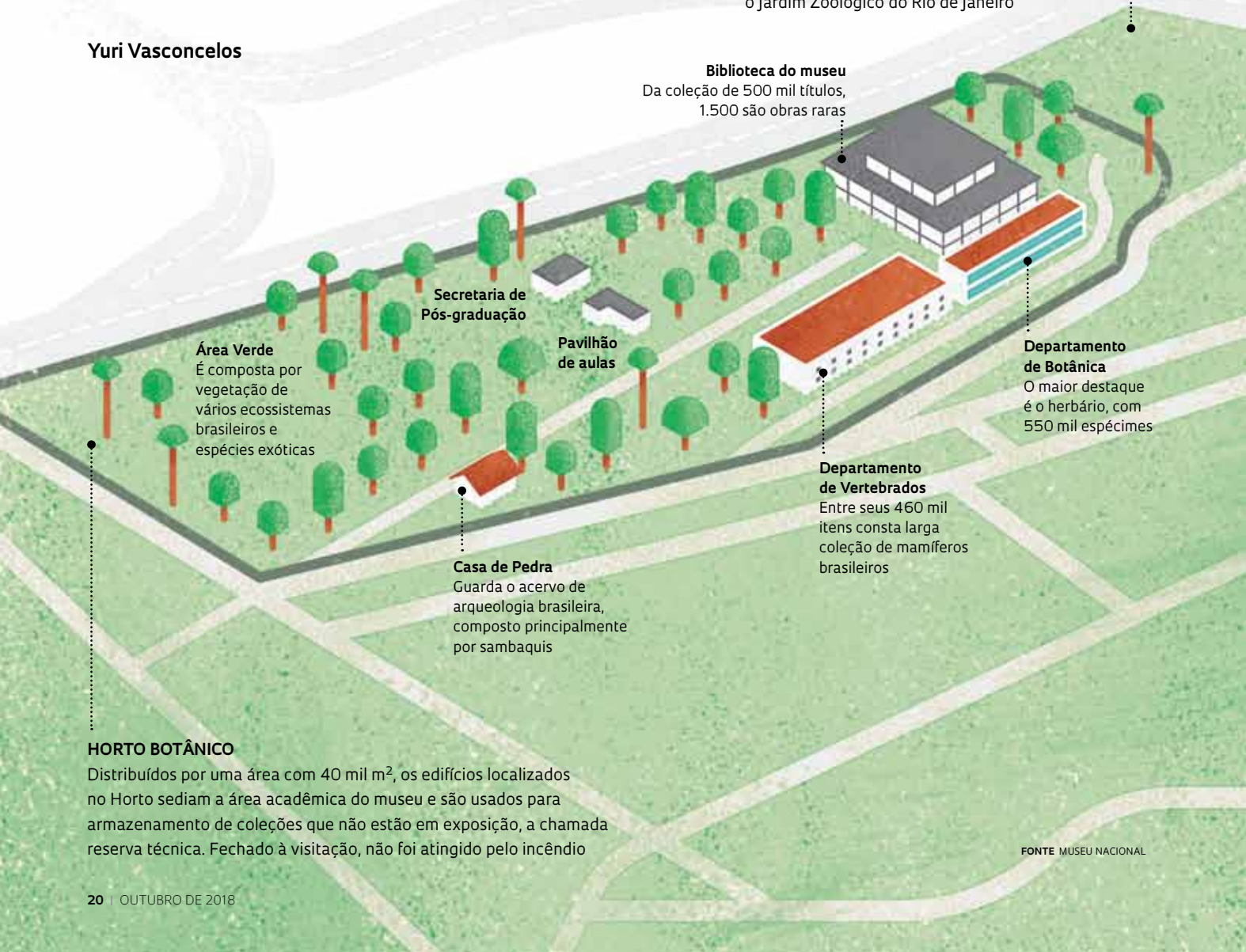
Além do prédio principal, o Museu Nacional conta com duas estruturas complementares: o Horto Botânico e o edifício anexo Alípio de Miranda Ribeiro

Yuri Vasconcelos



LOCALIZAÇÃO

O Museu Nacional fica na **Quinta da Boa Vista**, parque municipal situado no bairro de São Cristóvão, na zona norte carioca. A Quinta também abriga o Horto Botânico e o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro



Área Verde
É composta por vegetação de vários ecossistemas brasileiros e espécies exóticas

Secretaria de Pós-graduação

Pavilhão de aulas

Casa de Pedra
Guarda o acervo de arqueologia brasileira, composto principalmente por sambaquis

Biblioteca do museu
Da coleção de 500 mil títulos, 1.500 são obras raras

Departamento de Vertebrados
Entre seus 460 mil itens consta larga coleção de mamíferos brasileiros

Departamento de Botânica
O maior destaque é o herbário, com 550 mil espécimes

HORTO BOTÂNICO

Distribuídos por uma área com 40 mil m², os edifícios localizados no Horto sediam a área acadêmica do museu e são usados para armazenamento de coleções que não estão em exposição, a chamada reserva técnica. Fechado à visitação, não foi atingido pelo incêndio

FONTE: MUSEU NACIONAL

3º PAVIMENTO

Fechado aos visitantes, era ocupado pela Seção de Memória e Arquivo, laboratórios, salas de aula, reserva técnica e setor administrativo

2º PAVIMENTO

Era dedicado principalmente às exposições

- 1 Preguiça-gigante (Megafauna)
- 2 *Maxakalisaurus topai*
- 3 Evolução do Homem
- 4 Egito Antigo
- 5 Culturas do Mediterrâneo
- 6 Sala das Imperatrizes
- 7 Oratório
- 8 Luzia, caçadores/coletores
- 9 Sambaqui
- 10 Culturas do Pacífico
- 11 Cronologia (linha do tempo do museu)
- 12 Móveis da Monarquia (Sala do Trono)
- 13 Exposição Entre dois Mundos (Sala dos Embaixadores)
- 14 Etnologia Indígena Brasileira
- 15 Os Karajás
- 16 Kumbukumbu – África, Memória e Patrimônio
- 17 Aves
- 18 Conchas, corais, borboletas
- 19 Celacanto (classe de peixes ancestrais)
- 20 Expedição Coral
- 21 Área técnica
- 22 Paleoarte

1º PAVIMENTO

Concentrava exposições, espaços acadêmicos e salas de reserva técnica

- 1 Meteorito Bendegó
- 2 Um Tiranossauro no Museu
- 3 Minerais da Coleção Werner
- 4 Exposição Ciência Acessível
- 5 Auditório Roquette-Pinto
- 6 A (R)Evolução das Plantas
- 7 Meteoritos – Da Gênese ao Apocalipse
- 8 Biblioteca da Pós-graduação
- 9 Salas de aula, laboratórios de pesquisa, gabinetes de professores e reserva técnica

PALÁCIO DE SÃO CRISTÓVÃO

Em estilo neoclássico, foi no passado a residência da família real portuguesa e imperial brasileira

Área total 13.616 m²

Número de salas 122

MUSEU NACIONAL

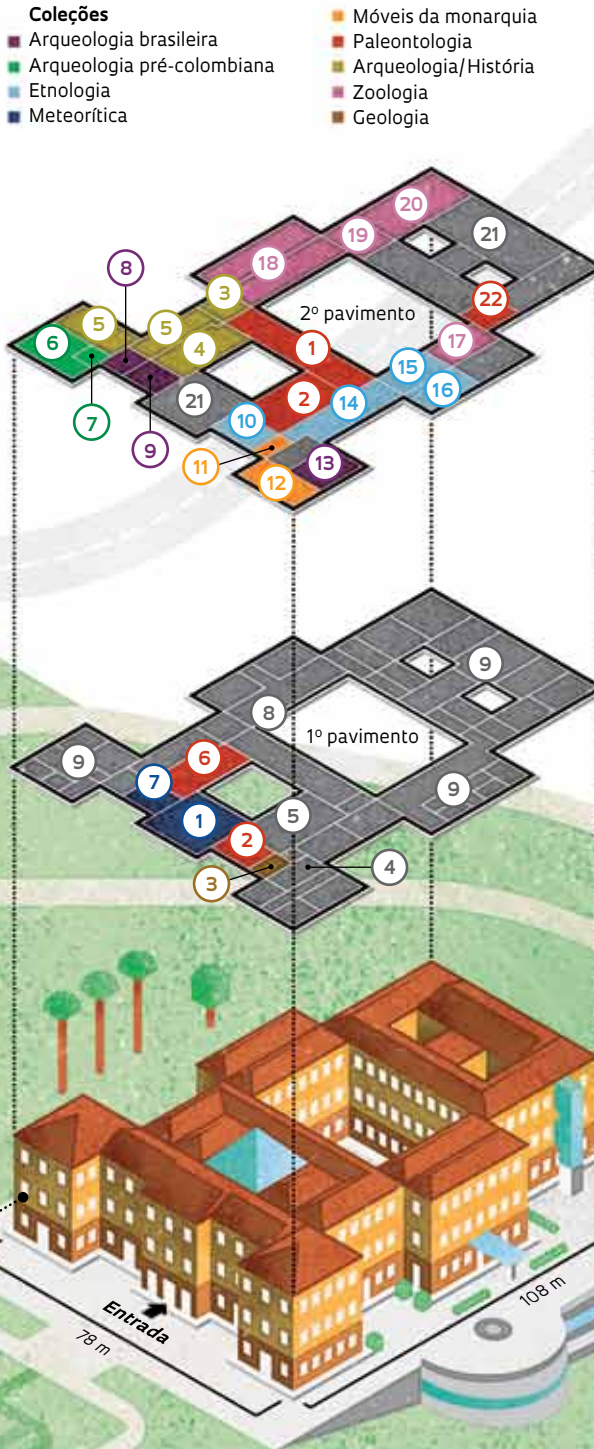
Tinha como sede o **Palácio de São Cristóvão**, prédio que abrigava exposições e era o local de guarda de grande parte das coleções. Foi consumido pelo incêndio

🕒 **Fundação** 6 de junho de 1818

📄 **Acervo** mais de 20 milhões de itens

👤 **Visitantes** 192 mil pessoas (2017)

💰 **Orçamento** R\$ 643,5 mil (2017)



EDIFÍCIO ANEXO

Inaugurado em 1957, concentra a coleção de invertebrados com 100 mil itens, os Laboratórios de Conservação e Restauração e de Díptera e salas administrativas. Não foi afetado pelas chamas